



## Jornalismo em Equívoco

**Autor: Evandro Medeiros Laia**

O Jornalismo em Equívoco é uma proposta que parte de quatro pontos que emergiram de observações empíricas: 1) o jornalismo é uma rede sociotécnica, precisa levar em conta tudo o que envolve, além dos humanos autorizados a produzir traduções legítimas de mundo; 2) portanto, é preciso estar atento não só às atividades dentro das redações (e aos jornalistas reconhecidos como jornalistas), mas a toda a rede de produção dos relatos, ampliando o escopo das pesquisas; 3) como rede sociotécnica, o jornalismo é o fluxo de agenciamentos e não as coisas em si, portanto, o conceito de jornalismo é temporário e muda; e 4) logo, o Jornalismo em Equívoco se apresenta como uma abordagem relacional que inventa conceitos e decanta conclusões a partir do desenho das relações entre os entes, e não a partir das suas nomeações no ponto inicial da pesquisa.

Essa abordagem tão perigosa e produtiva, nos permite pensar o jornalista diferenciante como tradutor de mundos, aquele que acessa outros universos e volta para contar o que viu, criando analogias, metáforas, parábolas, trairdo conceitos justamente porque a alteridade radical é inalcançável, faz sentido somente como diferença, sem redução. Na nossa metáfora de jornalismo, o jornalista é o mediador, aquele que transmite transformando o conteúdo e se transformando no outro que ele tenta traduzir. O Jornalismo em Equívoco reabilita a outra parte do jornalismo, que costuma não ser lembrada no discurso da criação dessa narrativa: a da invenção diferenciante do mundo, o contrário da invenção coletivizante, a da purificação, que ganha com frequência os nomes de objetividade, transparência e isenção: esses são fetiches do jornalista, que acredita ser possível alcançá-los, acredita neles como um peregrino que busca a iluminação.

O equívoco é uma construção no trânsito entre etnografias com os povos da Amazônia e a retomada dos conceitos de animismo e fetichismo, a partir, especialmente, de Bruno Latour, Roy Wagner, Isabelle Stengers, Gilles Deleuze e Felix Guattari. Viveiros de Castro propõe, entre outras coisas, que o ponto de vista é uma perspectiva adotada por determinado ente, durante uma relação, partindo do pressuposto de que nada é essência, tudo é construção e relação, a partir da apropriação da cosmologia ameríndia regida pela multinaturalismo, ao invés do multiculturalismo ocidental. Ou seja, não são as culturas acessos diferentes a uma mesma natureza, mas sim as diferentes naturezas, os





diferentes mundos, as perspectivas diversas que são acessos a uma mesma cultura, a uma humanidade compartilhada entre humanos e não humanos.

